

# SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XI, Nº 10 – 2007, OUTUBRO  
Assinatura até Dezembro de 2008: 14 selos postais de 1<sup>o</sup> Porte Nacional  
Não-comercial (R\$ 0,60) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se também com obras mestras de Contos e Poesias!  
www.haicu.sf.nom.br

¡No he de cansarme  
de verme ungrado!  
¡Lealtad te juro,  
mi reyecillo!  
Sea mi espalda  
pavés de mi hijo:  
pasa en mis hombros  
el mar sombrío:

muera al ponerte  
en tierra vivo: –  
mas si amar piensas  
el amarillo  
rey de los hombres  
¡muere conmigo!  
¿Vivir impuro?  
¡No vivas, hijo!

José Julián Martí 1853-1895, Ismaelillo; Mi Reyecillo  
José Martí Poesía Completa, Tomo I,  
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Diante do teu retrato, não consigo – tão linda estás! – tirar-me da lembrança os instantes de plácida esperança, que vivemos, um do outro, ao doce abrigo... Cobria-nos o azul, todo bonança, de uma fluída paz, que ainda bendigo... Alva e morna era a praia... E o mar, amigo, a embalar-nos um sono de criança...	Força é reconhecer o comodismo nisto de culpar sempre outras pessoas... Lembranças más nos ficam... Mas as boas em tolda-las se empenha o nosso egoísmo. Sim. O egoísmo com que te afeiçoas a coisas vãs. E eu tremo, enquanto cismo que não vês quanto estás perto do abismo de tudo que é contrário ao que apreçoas.	Aquele amor, aquele amor imenso, que foi toda a emoção de nossa vida, mesmo agora, que estás desiludida, é a razão pela qual eu te pertenceo.
Como carícias deslizavam ventos... na empírea sensação desses momentos, em que era o próprio Céu nossa morada!... – Mas temo, ao ver-te embora assim tão bela, que tudo sejam cores de aquarela... e em breve, aos poucos, se desfaça em nada...	Foste. Eu fiquei. E continuo o mesmo. E embora tu te enredes, tonta e a esmo, na ilusão de uma vida diferente... Penso que ainda deixei de amar-te... Do amor que se conserva quando ausente e deixamos a alguém quando se parte...	Tal como a árvore triste e ressequida, se destrói ao calor de um fogo intenso, nossa afeição amarga e combatida foi calcinada... e alou-se como incenso...
Teu Retrato	Realidade R. Limongi França, de Sonetos de Bem Querer, 1998 Gentileza de Larissa Lacerda Menendez	Embora! O lenho forte, que se inflama, tem a copa desfeita pela chama, mas brota, o tronco que ficou, depois... Assim, o nosso afeto – tão ardente! – há de sobreviver, perenemente, refazendo-se em flor, para nós dois... Árvore Crestada

Se essa estrada que foi nossa dividiu-se, não destruas nenhum atalho que possa juntar outra vez, as duas... Alba Christina, 0708, Sem Limites, ercy.maria@telefonica.com.br	De peixe amor e carinho minha jangada está cheia; mas se aperto um pouquinho cabe mais uma sereia. Deusedit Rocha, 0605 O Pitiguari, Rua Guanabara 542 59014-180 – Natal, RN	Vocês devem entender, mas o pobre tesoureiro tem tanto para pagar... e está faltando dinheiro... Diva Zanini, 9501 Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1 <sup>o</sup> , 01501-030 – São Paulo, SP	Aborto, roubo inclemente, de grão novo, em solo enxuto; é se negar à semente, o milagre de um bom fruto. Elen de Novais Felix, 0709 Trovalegre: Caixa Postal 181 37550-000 – Pouso Alegre, MG	Tanta impunidade, sei, não deixa choro nem vela... É claro que existe lei, mas tem gente acima dela. Fernando Vasconcelos, 0710 Bali, fones: 0'22 3861-2318 -3197 kleberleite@terra.com.br	Verão assim – credo em cruz! Foi tanto o calor na cuca, que uma porca “deu à luz” três leitões – à pururuca! Newton Meyer Azevedo, 9704 II Prêmio “Menestrel da Trova” UBT – Seção de Juiz de Fora
---	--	--	---	--	--

Um lírio-branco ao pé da rocha gigante tremulando ao vento... H. Masuda, Goga	Sob o minhocão mendigo e jabuticabas... Entulho e cascas. Hazel de S. Francisco	Entre as plantações crianças catam grilos. Campo de primavera! Roberto Saito	Mamãe passarinho ouve, feliz, seu filhote primeiro trinado! Rodolpho Spitzer Júnior	Rumores de fala – tinir de copos e pratos: cheiro de alcaçofras... Sonia Mori	Festa de peão. Vaqueiro mirim arrasta a bota apertada. Teruko Oda	Adora a menina gatinhos abandonados à beira da rua. Tomoko Narita, Sabiá
--	--	---	--	--	--	---

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

## TEMAS DA SAZÃO PRIMAVERA – QUIDAIS DE INVERNO

Biblioteca cheia, – lendo ou tomando emprestado, no Dia do Livro. Anita Thomaz Folmann	Com grande copada, cinamomo dá sombra. Animais descansam. Cecy Tupinambá Ulhôa	Rapaz ao piano ouvintes concentrados. Semana da Música. Denise Cataldi	Na terra pelada, o rastro de capivara. Queda na colheita. Fernando Vasconcelos	Logo ao despertar ouço maravilhado o trinor do curió. Helvécio Durso	Velhinho descansa debaixo do jatobá. Sombra deliciosa! João Batista Serra	Dia do Agrônomo. Fazendeiro, festejando, elogia a colheita. Olíria Alvarenga
---	---	---	---	---	--	---

## HAICUS EM FOLHA

Na colheita farta, plantadores satisfeitos. Frutos do cacau. T Alba Christina	Despede-se o sol... dourando as ramas copadas das casuarinas... F Amália Marie Gerda	Cacau feito pó tinge o copo de leite. Mancha na toalha. L Amauri do Amaral Campos	Nos ramos pendentes de uma velha casuarina, pássaros pousando. A Analice Feitoza de Lima	Família feliz. Um pai parabenizado no Dia do Médico. T Analice Feitoza de Lima	Na entrada do parque casuarina solitária derrama-se em galhos. B Angelica Villela Santos	A fumaça sobe do chocolate fervendo. Cacau brasileiro. L Angelica Villela Santos
Sorrisos e abraços. Flores por todo o hospital. É Dia do Médico. T Angelica Villela Santos	Chocolate quente, o delicioso cacau esquentando o frio. F Argemira F. Marcondes	O pássaro canta nos ramos da casuarina verde, ornamental. L Argemira F. Marcondes	Na beira do lago o vento balança os galhos da casuarina. D Cecy Tupinambá Ulhôa	Sirene tocando. Ambulatório repleto. Dia do Médico. L Cecy Tupinambá Ulhôa	Grudado nos galhos os frutos amarelos. Pé de cacau. T Cecy Tupinambá Ulhôa	O vento passando na aléia de casuarinas. Folhas sussurrantes. F Djalda Winter Santos
Prolongando vidas através da medicina. Dia do Médico. L Flávio Ferreira da Silva	No Dia do Médico, doentes comemorações. Doentes esperam. T Flávio Ferreira da Silva	Cacaueiro. Debaixo de seu verdor, frutos pendentes. L Manoel F. Menendez	Numerosos ramos da casuarina a embalar a sesta dos jovens. T Manoel F. Menendez	No solo arenoso, as sementes de cacau. Lavrador colhendo. F M <sup>o</sup> Marlene N. Teixeira Pinto	Dezoito de outubro. Sorrisos e cumprimentos. É Dia do Médico. L M <sup>o</sup> Marlene N. Teixeira Pinto	A flor se desprende da velha casuarina vai-se com o vento. C Maria Mello
Ao fim do plantão manhã de primavera. 18 de outubro. T Maria Mello	No Dia do Médico, pacientes chegam cedo trazendo presentes. F Renata Paccola	Na sala de espera, todos cantam Parabéns no Dia do Médico. T Renata Paccola	Espessa ramagem se espalha junto à janela. Casuarina em flor. D Roberto Resende Vilela	Tarde tropical. Agricultor e família semeiam cacau. T Roberto Resende Vilela	Missa de louvor, catedral encheu de branco: Dia do Médico! L Shinobu Saiki	Nos campos abertos, fazem um muro florido. São casuarinas. F Suely da Silva Mendonça

## SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.10.07, quigos à escolha: Pequi, Pêssego, Picolé.

Remeter até 30.11.07, quigos à escolha: Berinjela, Canícula, Maracatu.

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Não há outra opção: comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP

ou

mfmenendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À MODA OCIDENTAL, TREVOS PERSONAGEM E OUTROS

Dia da Criança. Cantos, gritos e alegria... Frescor na manhã!	A gaiola se abre, tico-tico vai embora. O menino espia...	Janela aberta tié-preto vai entrando, assusta as pessoas.	Negro rosto em manto da Santa ao Dia da Criança preside com encanto.	Mãezinha e um negrão por filho, sem preconceitos... pobre tico-tico!	O que festejar no Dia do Barnabé? O miserê?	Jovens atenciosos. Olhares direcionados no Dia do Livro.
Amália Marie Gerda	Analice Feitoza de Lima	Anita Thomaz Folmann	Fernando L. A. Soares	Fernando Vasconcelos	Flávio Ferreira da Silva	Flávio Velasco
O mar está diferente, comemora o seu dia. Só calma.	Entre as folhas do álbum, miosótis secos... mas vivos, nas recordações!	Delgada, comprida, uma flor do miosótis. Onde quer chegar?	Menino se assusta como será sua roupa? É Dia da AVE.	Terraço florido. Preso na gaiola dourada, canta o pintassilgo.	Só ganham presentes os guris bem comportados. Dia da Criança.	Asas batendo que alegria, o tié-preto encanto no jardim.
Helvécio Durso	Leonilda Hilgenberg Justus	Manoel F. Menendez	Maria App. Picanço Goulart	Maria Reginato Labruciano	Renata Paccola	Suely da Silva Mendonça

Primeiras rugas – a primavera saudosa que o espelho revela.	Na lupa que aumenta a solidão da leitura – o inverno profundo.	Promessas difíceis até pra Deus cumprir – dias de eleição.	Só não vendem almas na porta do cemitério – Dia de Finados.	Festa de Tanabata – velhinhas sexagenárias adolescem dançando.	Parece que o vento também morreu de calor – Noite tropical.	Seca galharia – sombra estampada na pedra de um mauloléu.
Alongando o olhar o matuto tira o chapéu – campo amarelo.	Vaso na varanda – um prato de folhas tenras que o galo agradece.	Ah, amores antigos – folhas novas no capim ao sol da manhã.	Hoje, mais perto, o sonho da casa própria – chuva criadeira.	Na terra afogada pés afundando com gosto – chuva de caju.	A chuva esperada – pés rachados seguem firmes lenta precipitação.	Para falar de flores simpósio de borboletas – campo de primavera.

Teruko Oda, de Janelas e Tempo, 2003; Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., Telefax: (011) 5082-4190, E-mail: vendas@escrituras.com.br

O aço pede a bigorna. O bronze pede o buril. Mas, se forja em água morna os destinos do Brasil...	Acho a política aversa, até nociva, de resto. – Talvez porque não conheça nenhum político honesto....	Sumiço de deputado no Congresso é até piada; tanto lá como no estado, eles nunca fazem nada!	Liberdade é andar à toa, mas, ter razão, vez e voz; e o pensamento – que voa nas asas de um albatroz.	Da Moral emana a Lei, mãe do Direito legal. Na verdade, já nem sei qual a Lei, qual a Moral!...	Falcatrua, malandragem; sacanagem, roubo até. Pode ser politicagem, mas Política – não é!
--	--	---	--	--	--

Trovas do Ano 2005, de Newton Meyer

**U M P R O T E S T O S U I G E N E R I S**  
Gilson Rangel Rolim, de O Tempo Nem Me Viu Passar – Prosa & Verso, 2004–olgins@bol.com.br

Parte I (O Susto)

A tragicomédia está instalada e o Dr. Eleutério Sizenando Freitas é o protagonista, entre os personagens vivos; entre os não vivos; o Comendador Heitor Campos de Assunção é a figura de maior destaque. Logo o leitor saberá o porquê da distinção entre uns e outros, entre os que ainda estão por aqui e os que já se foram deste mundo. Não dá para descrever com fidelidade absoluta a ridícula estampa do Dr. Eleutério, o diretor do departamento, a gritar, na porta de seu gabinete: “É assombração, só pode ser assombração! Ou então foi algum ‘filho de uma égua’ que fez isso!”. A atitude irritada, incompreensível para os funcionários que chegavam para o trabalho, devia-se ao fato de haver ele se assustado vendo voltados para a parede quase todos os retratos expostos na sala de reuniões; apenas uns poucos permaneciam na posição habitual, quer dizer, com a face voltada para quem os olhasse. A irritação do diretor era tanta quanto o espanto dos que viam a cena; o diretor olhando para a parede e se descabelando. A coisa tomou ares de assombração, mesmo, quando um dos retratos, de um político de má fama em sua época, deixou a condição de figura inanimada e piscou o olho direito para Eleutério, voltando-se ligeiramente na direção do retrato à sua direita, como a apontar os responsáveis por tudo aquilo. O denunciante, quando vivo – tanto do sentido lato da palavra quanto no sentido popular que a palavra *vivo* tinha e ainda tem –, era dos mais conhecidos surrupiadores do dinheiro público. Natural, pois, seu gesto.

Parte II (Os Antecedentes)

Não é necessário determinar o ano, nem o lugar, nem o estado, nem o nível da repartição, se federal, estadual ou municipal, não importa. O estranho fato aconteceu, é isso o que importa.

Parte III (O Desfecho)

O apavorado Dr. Eleutério não se conformava. Berrava que mandaria abrir um IPM (Inquérito Policial Militar, lembrem-se!), que o responsável seria rigorosamente punido. Por sua cabeça de prevaricador jamais passaria a possibilidade de que o acontecido tivesse algo a ver com sua atuação corrupta. Ou era assombração ou ação de algum subversivo. Por mais que os seus auxiliares procurassem acalmá-lo, o homem insistia e já estava a ponto de *surtar*. Eis que aparece o vigilante noturno e, muito nervoso, dá sua explicação para o acontecido: “Primeiro ouvi umas vozes mas não dei maior atenção porque pensei que estivesse sonhando quando tirava uma soneca. Mais tarde, já de ouvidos atentos, percebi que havia pessoas conversando; empunhei o revolver e adentrei a sala certo de que encontraria alguns ladrões. Mas o que vi? os retratos falavam e alguns me davam ordem: ‘vire-me para a parede’. Apavorado, antes de fugir, obedeci.” O vigilante ainda assustado com o que presenciara, acrescentou: “Bem que me falaram que esse casarão era mal-assombrado!” A essa altura chegava a equipe do hospital psiquiátrico a qual, a muito custo, pode conter a fúria do Dr. Eleutério, colocando-o numa camisa de força.

Parte IV (Moral da História)

Para homens como o Dr. Eleutério Sizenando Freitas, a corrupção é uma *filosofia de vida*. Os corruptos sempre se consideram acima de qualquer suspeita; para eles, o corrupto é, apenas, um cara mais esperto, ou mais *vivo*, do que os outros.

Estoy de viaje en un tren sin meta y ciudades y países y estaciones y playas y bosques y extensiones de nieve delante de mí fuera de las ventanillas un tren sin nombre un viaje sin meta que dura desde siempre.

El Tren

¿Es posible que la poesía pueda querer decir libertad? El espíritu sin confines corre por las páginas cuadrículadas de un *block* de notas a las dos de la noche pero no me parece libertad tengo la impresión de que también la poesía sea una esclavitud.

Poesía

Sin embargo alguno te poseerá mujer de mármol rosa de Portugal en tu vientre liso de cristal alguno habrá que pueda poseerte.

Mujer de Mármol Rosa

El tiempo vuela y te mata el tiempo vuela y te roba el tiempo vuela y te abandona.

Caen como plomo fundido las palabras se han petrificado los pensamientos es ya una espera vacía. Es Una Espera Vacía

Claudio Nobbio, de Los Veleros Llevan a Río, traducción Eduardo de Alejandro Moreno; Editorial Sette Florencia – Italia, 1983; Gentileza de Edissa Roizman

Na vida tudo é ligeiro e se esvai como fumaça. É tudo tão passageiro... – Que bom, adoro uva-passa!	Lá no Beco da Donzela um tiro assusta o machão que veloz salta a janela levando as calças na mão!	Não busco mulher alheia, a caçada não me apraz. Tenho medo de cadeia e não gosto de <i>aqui jaz</i> ...	– Tanta ambição por dinheiro! Somos, na terra, turistas e aqui tudo é passageiro... – bem... exceto os motoristas!	Rebolando saliente, sambando com tal pujança, mulata, és o mais ardente incentivo da poupança.	Troco, sem ter sido usado, e o motivo já se vê, meu lindo anel de noivado, por carrinho de bebê!
--	--	--	---	---	---

Josué de Vargas Ferreira, Trovas de Graça – UBT Ribeirão Preto, SP – AFABB, RP – Endereço do Autor: Rua Quintino Bocaiúva 51, Apto. 41, CEP 14015-160 – Ribeirão Preto, SP

Ele tira o chapéu antes de entrar na minha casa tira os sapatos antes de entrar no meu quarto e veste-se de mim, de noite para cavalgar cavalgar cavalgar cavalgar cavalgar cavalgar.	Sim, devolva-me as cartas devolva-me as cartas e a cólera devolva-me a cólera e as rosas mas não contes para ninguém do vestido que tiro pela cabeça de você de joelhos a meus pés.	Ruíram-se as torres ruíram-se os destroços ergueram-se os templos outras cantigas porque não era do outro a fome que me vinha a fome é minha.	As mulheres enlouquecem quando amam escrevem cartas, poesias e enlouquecem quando amam se apaixonam quando amam sim, as mulheres enlouquecem quando amam	quando é lua cheia quando ovulam quando engravidam quando são amadas até o útero até a raiz até a alma.
---	---	---	--	---

Do Desejo

Enlourescer

